

PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL E DIREITO À MORADIA: POTENCIALIDADES DE PRESERVAÇÃO E UTILIZAÇÃO DA VILA OPERÁRIA NO MEIO DA SERRA – PETRÓPOLIS – RJ.

Waleska Marcy Rosa
Universidade Federal de Juiz de Fora
waleska.ufjf@gmail.com

Resumo

Apresentam-se os resultados das investigações sobre o Meio da Serra, quanto à preservação das ruínas da antiga Fábrica de Tecidos Cometa e sua vila operária, mantida bem preservada, mesmo com modificações feitas pelos moradores. Tal conjunto arquitetônico, tombado na década de 1980 pelo IPHAN, entrou em decadência na década de 1960, com acentuação na década de 1970. Ao fim das atividades industriais, diversos empregados continuaram morando nas vilas operárias, tendo, vários deles, recebido as casas como parte da indenização trabalhista. Muitos desses indivíduos e/ou seus descendentes continuam morando nas referidas casas, mantendo a memória das atividades industriais e da vida social e comunitária naquele local. Em Petrópolis, a Fábrica Cometa talvez seja o melhor exemplo de potencialidade de restauro e de reutilização do patrimônio industrial para fins de moradia e para fins turísticos e comerciais.

Palavras-chave: Patrimônio Industrial; Preservação; Direito à moradia

1 Introdução

Apresentam-se os resultados das investigações sobre o Meio da Serra (Petrópolis – RJ), no que se refere à preservação das ruínas da Fábrica de Tecidos Cometa e de sua vila operária, até o presente momento, mantida bem preservada, apesar de modificações que vêm sendo feitas ao longo do tempo pelos moradores. O referido conjunto arquitetônico foi tombado na década de 1980 pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), como diversos outros complexos fabris situados no município de Petrópolis que, no início do século XX, possuía importante parque industrial no setor fabril, o qual entrou em decadência na década de 1960, com acentuação na década de 1970. Com o fim das atividades industriais nestes complexos, muitos empregados continuaram morando nas vilas operárias, em vários casos, tendo recebido as casas como parte da indenização trabalhista. Muitos desses indivíduos e/ou seus descendentes continuam habitando as referidas casas e mantêm a memória das atividades industriais e da vida social e comunitária naqueles locais. No município de Petrópolis, as ruínas e a vila da extinta Fábrica Cometa talvez sejam o melhor exemplo de potencialidade de restauro e de reutilização do patrimônio industrial, seja para fins de moradia, seja para fins turísticos e comerciais.

Trata-se de uma investigação científica que, embora baseada em um marco teórico preciso, não prescinde do manejo de instrumentos de pesquisa utilizados em campo. Deste modo, além da definição do marco teórico e de seu delineamento por meio de

revisão de literatura e identificação do estado da arte a respeito do dilema entre preservação e renovação urbana, para se alcançar os resultados pretendidos foram feitos, no Museu Imperial e no Instituto Histórico de Petrópolis, levantamentos de documentos, jornais e periódicos locais. Tratando-se de estudo de caso que envolve a identificação de potencialidades e possibilidades para a microrregião, foi necessário também realizar entrevistas com moradores locais, mais especificamente com aqueles que chegaram a trabalhar na Fábrica Cometa e com seus descendentes.

Tais entrevistas tiveram o intuito de identificar a ligação dessas pessoas com a memória da Fábrica e com o lugar onde moram, além de verificar a possibilidade de preservação da memória e do patrimônio com a participação desses indivíduos. A realização das entrevistas baseou-se nos métodos e procedimentos de vertente investigativa da área da História – a denominada História Oral¹.

Para localizar ex-trabalhadores e sua famílias foram utilizados os registros da pesquisa encomendada pelo Município de Petrópolis em meados da década de noventa e cujo material foi cedido pela Prefeitura para esta pesquisa.

Foi, portanto, utilizado amplo conjunto de documentos que só parcialmente foram utilizados para elaboração deste texto que ora se apresenta.

A proposta deste texto é apresentar um breve panorama dos achados de pesquisa, na fase na qual ela foi encerrada. Para tanto, inicialmente, apresentar-se-á a localização e o perfil histórico da região do Meio da Serra.

2 Localização e perfil histórico do Meio da Serra e da Fábrica Cometa

A área hoje denominada Meio da Serra era, como o próprio nome indica, a metade do trecho da serra de Petrópolis, a partir do município de Magé.

No século XIX, estas áreas foram ligadas por uma via férrea, que ia da estação da Raiz da Serra (Vila Inhomirim), inaugurada em 1856, passando pelas estações do Meio da Serra e Alto da Serra, até a estação de Petrópolis, todas inauguradas em 1883.

¹ Para treinamento das pessoas, foram utilizados, em essência, os métodos propostos por ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*.

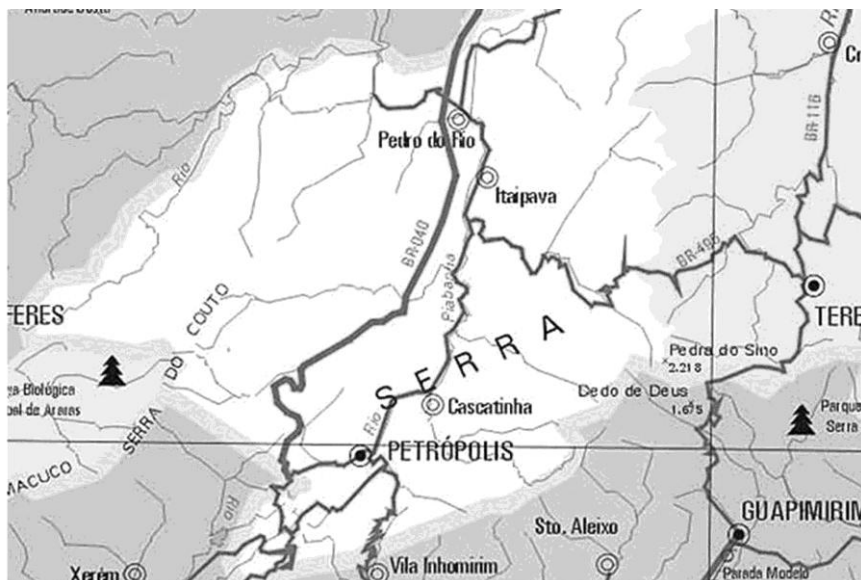


Figura 1. Mapa com indicação da ligação entre a Raiz da Serra (Vila Inhomirim) e Petrópolis. Mapa capturado na internet, em 2010.

As novas estações férreas facilitaram o acesso à Cidade Imperial, uma vez que a estação da Raiz da Serra se unia à estação do Porto de Mauá (Guia de Pacoáiba), localizado no centro da cidade do Rio de Janeiro.



Figura 2. Composição da Estrada de Ferro Leopoldina, estacionada no cais do Porto Mauá. À esquerda, vê-se um barco a vapor, onde os passageiros oriundos da cidade do Rio de Janeiro eram transportados até o Porto para depois seguir a Petrópolis. Acervo do Museu Imperial de Petrópolis.

Assim, a estrada de ferro possibilitou o desenvolvimento industrial do município de Petrópolis, onde à época, instalaram-se diversas fábricas de tecidos, tais como a Imperial Fábrica de Tecidos São Pedro de Alcântara (1871), a Companhia Petropolitana de Tecidos (1873), a Fábrica de Tecidos Dona Isabel (1889) e a Fábrica Cometa (1903). A indústria têxtil motivou o crescimento demográfico de bairros como

Bingen, Cascatinha, Morin e Alto da Serra, cujas instalações e vilas operárias incorporaram-se à própria imagem da cidade².

A Cometa Petrópolis, fundada em 1903 por Manoel José Amoroso Lima, pai de Alceu Amoroso Lima, membro da Academia Brasileira de Letras com o pseudônimo Tristão de Athaide, figurava como uma das mais tradicionais indústrias têxteis de Petrópolis, fornecendo recursos econômicos e sociais à cidade. Mantinha sua sede no bairro Alto da Serra, com um patrimônio imobiliário de aproximadamente sete milhões de metros quadrados, em área contígua, impulsionando o desenvolvimento local e gerando vários empregos (FÁBRICA COMETA, 1977). De acordo com os registros do Instituto Histórico de Petrópolis, a indústria funcionava com mais de trezentos (336) teares a vapor, ocupando, aproximadamente, 6.000 operários e produzindo um total de quatro milhões e meio de metros de tecidos. Possuía, ainda, uma filial no Meio da Serra e outra em Sapucaia – município fluminense próximo a Petrópolis (FÁBRICA COMETA, 1988). A sucursal do Meio da Serra foi construída no lugar da antiga Fábrica de Papel Orianda, instalada por Guilherme Schuch, o Barão de Capanema, em 1852. Esta fábrica apresentava excepcional índice de perfeição técnica na produção do papel e já havia instalado alguns equipamentos urbanos no local, assim como algumas casas de moradia. No entanto, a Cometa foi fundamental para a ampliação urbana daquela região, pois grande parte das casas foi construída pela empresa para abrigar seus empregados e suas respectivas famílias.

Além disso, a Cometa acrescentava à sua magnitude industrial, que contava com 270 teares somente na unidade do Meio da Serra, um formidável serviço social destinado a seus funcionários, garantido a eles assistência médica, farmácias, restaurantes, creche e escola para seus filhos. Havia, ainda, preocupação com a vida social e cultural dos habitantes, contando, a comunidade com uma sala de cinema.

A decadência da Fábrica Cometa tem início com uma crise comercial e industrial da década de 1930, originada em oscilações monetárias e cambiais provocadas pelo Governo, para atender às pressões dos cafeicultores, o que causou uma estagnação do setor industrial. Houve, ainda, grande aumento das importações, decorrente da desvalorização da moeda estrangeira, criando uma concorrência para os produtores brasileiros em geral. A crise gerou dificuldades financeiras à empresa o que levou à redução de seu número de operários.

² Como era comum à época da industrialização, as fábricas construíam ao seu redor edifícios que serviam de moradias a seus operários.

A atividade têxtil no município começou a declinar nas décadas de 1950 e 1960 com o fechamento das principais fábricas, o que demandou o desenvolvimento de outros setores da economia, especialmente o de comércio e o de serviços. Entretanto, até hoje, a cidade ainda mantém edifícios que documentam esse importante período da história local, o que foi possível, principalmente, através das ações de preservação do Poder Executivo Federal.

No início da década de oitenta, do século XX, alguns complexos fabris como os da Companhia Petropolitana de Tecidos, Fábrica Cometa e Fábrica São Pedro de Alcântara foram reconhecidos como patrimônio cultural pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), sendo inscrito sob o n. 84 (Processo n. 662-T-62), no Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico (fls. 24/88) como extensão das inscrições 34 e 80 do mesmo Livro.

Dentre esses, destaca-se, na presente pesquisa, o conjunto remanescente da antiga Fábrica Cometa, localizada no Meio da Serra. Isso porque a área agrega características que a tornam um peculiar objeto de investigação. O conjunto urbano de interesse cultural - que apesar de deteriorado, não perdeu suas principais características arquitetônicas - está inserido em uma área com características naturais que demandam preservação e são legalmente protegidas.

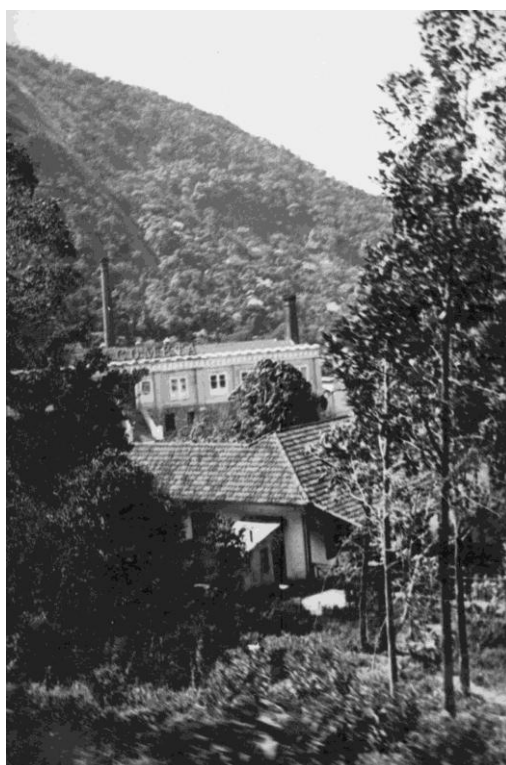


Figura 3. Vista da antiga Fábrica Cometa, ainda em funcionamento. Acervo do Museu Imperial de Petrópolis.

Além disso, no local estão assentadas famílias de baixa renda, não havendo definição acerca do regime de propriedade, observando-se apenas situações fáticas de uso, gozo e disposição dos bens imóveis, tratando-se de uma área na qual a posse é a regra³.

O patrimônio construído revela práticas sociais e culturais dos múltiplos agentes que influenciaram na configuração da cidade, sendo parte ativa do intenso processo informativo que caracteriza o cotidiano público (FERRARA, 2000, p. 160). Assim, as edificações e conjuntos urbanos podem ser considerados a materialização das relações sociais que interagem no espaço da cidade, sendo um dos elementos de formação da identidade coletiva (MAGALDI, 1992, p. 29-36).

A Constituição de 1988, no art. 216, reconhece como patrimônio cultural brasileiro os bens materiais e imateriais que fazem referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. O mesmo dispositivo atribui a proteção do patrimônio cultural ao Estado, acrescentando que esta deverá ser realizada com a colaboração de toda a sociedade. Deve-se ressaltar que a norma consagrou um novo paradigma de proteção do patrimônio, baseado nas referências que este incorpora em contraposição à noção de excepcionalidade e monumentalidade do mesmo.

Ao conjunto arquitetônico de valor cultural edificado na área em destaque agrega-se um ambiente natural, constituído de áreas remanescentes de Mata Atlântica, direito difuso e fundamental assegurado no art. 225 da Carta Magna e que impõe ao Poder Público e à coletividade a sua defesa e preservação. Deste modo, evidencia-se a

³ Essa foi a conclusão à qual se chegou por meio das entrevistas realizadas com os moradores. Foram utilizados tanto os dados obtidos no conjunto de documentos fornecidos pela Prefeitura do Município de Petrópolis, quanto em entrevistas realizadas no período da pesquisa. O relato dos moradores conduz à noção de que os habitantes mais recentes, ou seja, aqueles cujas famílias não descendem de antigos trabalhadores da Fábrica Cometa, ocuparam áreas sem título apto ao reconhecimento da propriedade. Somente os moradores que trabalharam na Fábrica ou sucederam trabalhadores (pais, tios, irmãos, etc) teriam título de propriedade dos imóveis. Ainda assim, muitas das casas da vila operária, sendo de propriedade juridicamente reconhecida a antigos trabalhadores (em essência, devido a acordos trabalhistas), encontram-se, atualmente, ocupadas por posseiros. Tal situação, conhecida a partir dos relatos de moradores, pode ser constatada, em parte, por meio de pesquisa no registro de imóveis de Petrópolis, no qual considerável número de casas da vila operária se encontra registrada em nome de um dos antigos advogados da empresa, que as recebeu como indenização trabalhista. Os registros são bastante antigos e não há averbações recentes, o que, em princípio, pode demonstrar a situação de informalidade que, aparentemente, prepondera no local. A constatação cabal de tal situação demandaria pesquisa específica, envolvendo elementos referentes ao uso e à ocupação urbana.

importância de preservação do local, que inclui bens vinculados a diferentes elementos cuja conservação se torna importante: meio ambiente, história, patrimônio cultural, patrimônio industrial, além da própria memória dos moradores locais.

O Meio da Serra integra os limites da Área de Preservação Ambiental de Petrópolis - APA PETRÓPOLIS⁴ e apresenta áreas de cobertura vegetal caracterizada como Floresta Ombrófila Densa e Vegetação Secundária.

A Área de Preservação Ambiental é uma Unidade de Conservação de Uso Sustentável, o que pressupõe a manutenção de um equilíbrio entre o desenvolvimento sócio-econômico das comunidades nela existentes e a utilização dos recursos naturais. De acordo com o art. 15 da Lei 9.985 de 18 de julho de 2000, as Áreas de Preservação Ambiental têm como principais objetivos a proteção da diversidade biológica, a disciplina do processo de ocupação e a garantia da sustentabilidade dos recursos naturais.

Além disso, alguns locais específicos do bairro podem ser caracterizados como áreas de preservação permanente, pelo só efeito da lei, em razão da localização das florestas e demais formas de vegetação natural, nos termos do art. 2º da Lei 4.771, de 15 de setembro de 1965.

Tais características impõem aos seus ocupantes limitações fáticas ao uso e gozo dos bens imóveis, além de condicionar determinados atos à autorização dos entes públicos competentes.

A ocupação desordenada do Meio da Serra, especificamente das áreas de entorno ao conjunto fabril tombado da antiga Fábrica Cometa, vem acarretando conseqüências adversas à conservação do ambiente cultural (incluindo o patrimônio que preserva a memória de um modelo histórico da indústria nacional) e natural que caracteriza o local. A degradação do local pode ser atribuída a fatores como a falta de informação sobre as limitações decorrentes da especial caracterização do conjunto arquitetônico edificado no local, a falta de recursos econômicos da população que ocupa a área e a inércia do Poder Público municipal, competente em matéria de uso e ocupação do

⁴ A APA – Petrópolis foi criada pelo art. 6 do Decreto 87.561, de 13 de setembro de 1982 e delimitada pelo Decreto 527, de 20 de maio de 1992.

solo. No que toca a este último ponto, esta pode ser atribuída a uma indefinição acerca dos limites exatos entre os Municípios de Petrópolis e de Magé.

Desse modo, verifica-se no local a necessidade de proteger o ambiente cultural e natural.

Ao mesmo tempo, na referida área, a ocupação dos imóveis não atendeu a padrões urbanísticos e jurídicos, acarretando o exercício do direito à moradia de modo irregular. Não restam dúvidas de que a preservação da área é uma imposição jurídica. Entretanto, no mesmo nível de proteção constitucional (art. 6º da Constituição brasileira de 1988) e de proteção legal (Lei nº 10.257, de 10 de julho de 2001, Estatuto da Cidade) encontra-se o direito à moradia.

Agregue-se a tudo isso o fato de que em 2009, na esteira do Programa Minha Casa, Minha Vida (PMCMV), do governo federal, a Lei nº 11.977, permitiu a regularização fundiária urbana em Áreas de Preservação Permanente (art. 54, § 1º), desde que exista projeto demonstrando a viabilidade da regularização, desde que a ocupação seja consolidada e desde que estudo técnico comprove que esta intervenção implica a melhoria das condições ambientais em relação à situação de ocupação irregular anterior. Tal permissão legal, em princípio, beneficiaria os moradores locais.

Conciliar a proteção do meio ambiente e do patrimônio cultural com o exercício do direito à moradia, todos interesses protegidos constitucionalmente, é um desafio a ser enfrentado pelos ocupantes da área e pelo Poder Público. Isto poderá ser alcançado identificando-se a situação jurídica e a situação urbanística do local. Desta maneira, será possível apontar modelos viáveis para compatibilizar os interesses protegidos constitucionalmente.

3 Memória local

O dilema entre o *desejo de tábula rasa* e o *desejo de preservação*⁵ nas cidades contemporâneas permeia as preocupações dos moradores do Meio da Serra, como

⁵ O conceito de “desejo de tábula rasa” e o conceito de “desejo de preservação” são apresentados por Clarissa da Costa Moreira, em seu livro *A Cidade contemporânea entre a tábula rasa e preservação*. De acordo com a autora, o desejo de tábula rasa seria a “intenção de transformar a cidade e de criar algo ‘novo’, de decidir sobre seu presente e futuro (e também sobre seu passado) e, para tal, por vezes, destruir partes ou, em seu auge, destruí-la completamente ou abandoná-la, e fazer uma nova cidade ou novas partes dela”. Já o desejo de preservação, para a autora, refere-se à intenção de “perpetuar elementos e objetos - a

pôde ser constatado por entrevistas realizadas no ano de 2010. Tal preocupação, porém, já havia sido demonstrada nas entrevistas realizadas com moradores locais pela Prefeitura de Petrópolis, conforme registros de pesquisa encomendada pelo Município de Petrópolis em meados da década de noventa e realizada, em 1996, pela Empresa Concremat Engenharia Tecnologia S.A. O referido material de pesquisa está disponível na Secretária de Planejamento e Urbanismo (SEPLAN) do Município de Petrópolis.

Nas entrevistas, já se verificava a preocupação com a chegada de outros moradores que não possuíam vínculos afetivos e familiares com a história do local, o que evidencia a discussão a respeito do dilema entre a tabula rasa e a preservação (MOREIRA, 2004). Para os moradores que possuem vínculos remotos com o local e sua história, a preservação do ambiente, das construções fabris e da memória de seus antepassados se torna absolutamente essencial. Para os moradores instalados há menos tempo, tais elementos de preservação não fazem sentido.

Percebe-se, pelas entrevistas, que os moradores tradicionais têm a Fábrica Cometa e sua história como referenciais de vida, o que pode ser percebido por meio das entrevistas com moradores cujos antepassados trabalharam na Fábrica. A maioria desses moradores, atualmente, ocupa os imóveis remanescentes da Vila Operária, enquanto os novos habitantes, ocupam casas mais recentes, na sua maioria de baixa qualidade construtiva, o que interfere a paisagem local.



Figura 4. Uma das precárias construções que vêm sendo feitas no Meio da Serra, interferindo na paisagem local. Acervo pessoal. Foto obtida ao longo das pesquisas.

Diversos autores discutem, no âmbito de estudos a respeito da preservação do patrimônio cultural, sobre a necessidade de manter os bens culturais para as futuras gerações. Tal discussão se mostra relevante no âmbito da comunidade em foco.

No que se refere à Fábrica Cometa, o prédio onde funcionou a sucursal do Alto da Serra, em Petrópolis, foi demolido tão logo seu comprador vislumbrou a possibilidade de ali construir um shopping center. Neste caso, prevaleceu o desejo de tabula rasa, especialmente diante da apropriação econômica do referido bem cultural. No caso, o proprietário não conseguiu perceber que seu interesse econômico poderia ser atingido com gastos muito menores, se, ao invés da demolição tivesse mantido as robustas estruturas da antiga construção.

Experiências que aliam os interesses econômicos à preservação dos bens culturais vêm se mostrando exitosas em muitos momentos. É o caso de municípios que souberam aproveitar suas características históricas e utilizá-las para a produção de bens econômicos. O próprio município de Petrópolis vem conseguindo fazer isso no seu centro histórico que, tombado, vem sendo preservado e gera divisas para a população por meio do turismo.

Outros exemplos que podem ser apontados são os dos municípios de Tiradentes (MG), que se tornou sofisticado destino turístico totalmente preservado, de Parati (RJ) e de Salvador (BA).

Em uma dimensão menor, o patrimônio industrial da antiga Fábrica de Tecidos Santa Cruz foi preservado no município de Juiz de Fora (MG). O prédio onde funcionava a antiga fábrica, com sua desativação, foi reformado e, atualmente, abriga amplo shopping center voltado, especialmente, para lojas que vendem produtos de malharias locais.

Embora se façam críticas a estas formas de preservação de bens culturais, não há como negar que, desta maneira, se preservam, pelo menos as estruturas e se atribuem outros usos aos bens, numa perspectiva de apropriação, pelas gerações atuais, de seu uso e fruição. Em alguma medida, ficam preservadas informações a respeito daqueles ambientes e locais.

O Meio da Serra, ao que tudo indica, não optou pelo desejo de tabula rasa, mas pelo desejo de preservação. Essa análise pode ser feita a partir de constatação, feita pelos arquitetos do IPHAN⁶, de que apesar de deteriorado, o conjunto arquitetônico situado no Meio da Serra, remanescente da antiga Fábrica Cometa, encontra-se relativamente bem preservado e passível de boa recuperação, pois as intervenções dos moradores não descaracterizaram os imóveis. Ao mesmo tempo, a recuperação, especialmente das casas da vila operária seria viável economicamente, pois o fato de terem servido, até os dias atuais, como casas de moradia, permitiu que estejam em bom estado de conservação. Portanto, não seria uma recuperação muito dispendiosa.

O desejo de preservação pôde ser identificado por meio das entrevistas com moradores locais e do posicionamento que a Associação de Moradores vem assumindo no que se refere à preservação do local. A Associação de Moradores vem contribuindo com o IPHAN para ações de preservação que poderão permitir a conservação e futuro restauro.

Há, ainda, grupos organizados e atuantes que vêm atuando no sentido de uma retomada do funcionamento da antiga ferrovia que deu origem à localidade do Meio da Serra.

⁶ Durante as pesquisas, dois arquitetos e uma historiadora do IPHAN/Petrópolis foram entrevistados e foi possível, a partir de suas análises, fazer as constatações acima referenciadas.

Especialmente diante de projetos de restauro e de retomada das atividades da ferrovia que corta o local e por meio da qual a antiga Fábrica Cometa era abastecida de matéria-prima para suas atividades, a preservação do local poderia acontecer. Tais projetos ganham destaque, especialmente nesse momento de investimentos em infraestrutura para a Copa do Mundo de 2014 e para os Jogos Olímpicos de 2016, diante da proximidade do Meio da Serra com a cidade do Rio de Janeiro e do potencial turístico da microrregião e da capacidade de turismo já instalada no município de Petrópolis.

4 Possibilidades de preservação e utilização dos bens históricos, industriais e ambientais

Como verificado, a prefeitura do Município de Petrópolis encomendou a uma empresa, na metade da década de 1990, estudos detalhados a respeito do Meio da Serra. Tais estudos foram feitos, o local foi mapeado e os moradores, à época, foram cadastrados e entrevistados. A realização dessas investigações ocorreu devido à intenção do Município de fazer construir um parque no local. Levantados os custos, foi verificado que o Município não teria recursos para tal. Houve uma tentativa de um consórcio com o Município de Magé a qual, no entanto, não logrou êxito.

Atualmente, há um projeto já elaborado e, segundo informações amplamente noticiadas na imprensa local, em tramitação no BNDES. O referido projeto aponta a viabilidade e contém estudos técnicos que fundamentam a reativação da antiga Estrada de Ferro, propondo ações no sentido de recuperação do local e de preservação do remanescente do conjunto arquitetônico da Fábrica Cometa.

O referido projeto se apóia nos grandes eventos internacionais que acontecerão no Brasil, especialmente no Rio de Janeiro, em 2014 e 2016. A reativação da ferrovia traria benefícios em diversos sentidos.

Em relação aos habitantes de Petrópolis em geral, seria uma forma de transporte mais rápido e barato para o município do Rio de Janeiro. A relevância dessa forma de locomoção para o Município encontra respaldo no fato de que existe grande contingente de habitantes de Petrópolis que trabalham no Rio de Janeiro e para lá se deslocam diariamente por meio da rodovia. Embora a distância entre os dois municípios seja de apenas 70 km e essa viagem possa ser feita em cinquenta minutos, os constantes congestionamentos que ocorrem na rodovia Washington Luiz

faz com que se gaste, normalmente, duas horas de Petrópolis ao Rio de Janeiro e vice-versa.

Ainda em relação ao município de Petrópolis como um todo, a reativação da ferrovia permitiria um maior aporte de turistas que teriam, então, além de outra opção de transporte, outra opção de atração turística, sendo a própria ferrovia de interesse turístico, seja histórico⁷, seja ambiental.

Não se pode deixar de reconhecer, porém, que, talvez, os maiores beneficiados pela reativação da ferrovia seriam os moradores do Meio da Serra. Além de serem beneficiados por tudo o que acaba de ser elencado, a reativação da estação do Meio da Serra traria um maior fluxo econômico para a localidade e maiores perspectivas de trabalho para os moradores. Tratam-se, todos, de benefícios econômicos e sociais.

Entretanto, para os moradores que mantêm laços com a antiga Fábrica Cometa, trata-se de um resgate da memória de suas famílias e de seu respectivo modo de vida que foi, até o presente, conservado por aqueles que têm o desejo de preservação.

De fato, ainda que com muitos problemas, o fato de o conjunto arquitetônico em destaque estar relativamente bem preservado, a ponto de permitir uma restauração que demandará recursos financeiros modestos, para o padrão normal de restaurações, deixa evidenciado o desejo de preservação dos moradores do local.

Esse desejo de preservação pode vir ser a mola propulsora de futuras ações de recuperação do Meio da Serra, seja em termos arquitetônicos, seja em termos de qualidade de vida para seus habitantes.

5 Conclusão

As investigações desenvolvidas pelo grupo de pesquisa Aspectos Jurídicos da Propriedade Imobiliária, sediado, até 2011, na Universidade Católica de Petrópolis, permitiram, identificar ser possível restaurar todas as casas que compõem a vila operária da antiga Fábrica Cometa, fazendo-as retornar às características originais. Apesar do aumento indiscriminado da ocupação irregular na área, os antigos operários ainda vivos e seus descendentes mantêm viva e latente a memória local e a importância histórica das atividades da Fábrica Cometa para a comunidade.

⁷ O trecho da ferrovia que ligava a Vila Inhomirim ao Alto da Serra, em Petrópolis, foi a primeira ferrovia do Brasil, construída pelo Barão de Mauá.

É inevitável que haja uma intervenção na região denominada Meio da Serra, a fim de encontrar meios para que cultura, meio ambiente e a população possam coexistir de maneira mais harmônica. Tal intervenção, porém, precisa ocorrer de forma cautelosa, respeitando-se os aspectos históricos e sociais do local. É imprescindível pesquisa de campo para atualização dos dados coletados.

Não restam dúvidas, no entanto, de que o referencial da população local é a antiga Fábrica de Tecidos Cometa. Sua história, a importância que teve para a formação da comunidade, suas ruínas (figura 5) representam marcos para a memória dos moradores locais, mesmo aqueles que não têm laços efetivos com antepassados que possuíam algum tipo de vínculo com a Fábrica Cometa.

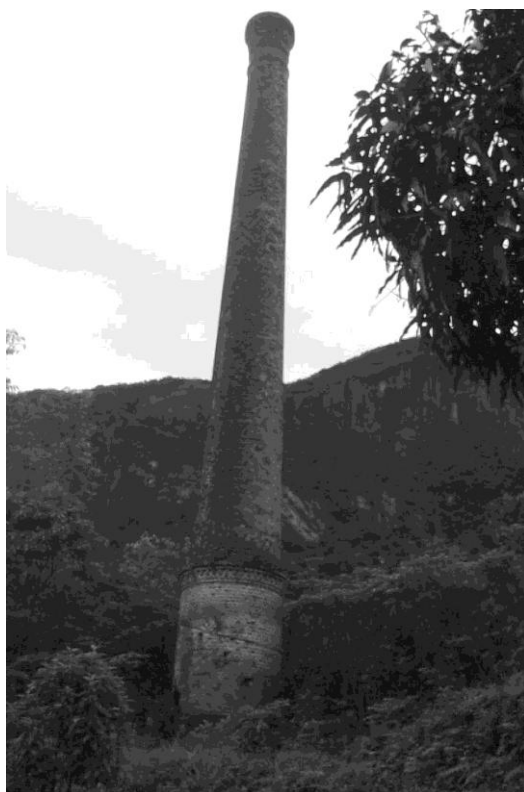


Figura 5 – Chaminé da antiga Fábrica Cometa. Ainda preservada, é um referencial para a comunidade local. Acervo pessoal. Foto obtida ao longo das pesquisas.

Nas entrevistas realizadas com os moradores foi possível perceber que, para os mais antigos, a referência da Fábrica Cometa marcou suas vidas e suas memórias e fazem parte da compreensão do local e da inserção de cada um deles naquele ambiente

carregado de lembranças e referenciais do passado que interferem em seus modos de vida atuais.

Para os moradores mais recentes, embora não se tenha detectado este tipo de memória vinculada à Fábrica Cometa, as ruínas se tornaram referenciais espaciais e estão incluídas em seu dia a dia.

Resta, portanto, verificar se as oportunidades que se apresentam para a recuperação do Meio da Serra, tanto no que se refere à recuperação do patrimônio construído quanto à recuperação da memória local, cuja base é a Fábrica Cometa, irão se concretizar, seja por meio da participação da comunidade e dos municípios nos quais a área total se localiza, seja por meio de grupos que vêm se dedicando à recuperação do local e à instalação de atividades que possam gerar trabalho e renda para a comunidade.

6 Referências Bibliográficas

ABREU, Antônio Izaias da Costa. *Municípios e topônimos fluminenses: histórico e memória*. 1. ed. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1994.

BARBOSA, Regina. Vilas da Cometa: Resistir, Até Quando?. *Jornal da Frente Popular*. Petrópolis, 15-31 out. 1992.

COMETA: exemplo de força do bairro. *Jornal dos Bairros*. Petrópolis, p.7, 04 a 17 ago. 2007.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DE MUNICÍPIOS – CNM. *Perfil Municipal*: Petrópolis. Disponível em: <http://www.cnm.org.br/meioambiente/mu_meioambiente_tabela.asp>. Acesso em: 28 ago. 2010.

CENTRO DE INFORMAÇÕES E DADOS DO RIO DE JANEIRO – CIDE. Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.cide.rj.gov.br/>>. Acesso em: 05 nov. 2006.

EPPINGHAUS, Guilherme Pedro. O Plano de Koeler. *Anuário do Museu Imperial*, v. XXI-XXXI, 1960-1970, Petrópolis: Ministério da Educação e Cultura, p. 7-14.

FÁBRICA COMETA. *Revista do Instituto Histórico de Petrópolis*. Petrópolis, 1988.

FÁBRICA COMETA. *Revista Social*. Petrópolis. n° 575, p.15, nov. 1977

FERRARA, Lucrecia D'Aléssio. *Os Significados Urbanos*. São Paulo: Edusp: FAPESP, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Perfil dos municípios brasileiros*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://ibge.gov.br>>. Acesso em: 26 mar. 2010.

MAGALDI, Cassia. Políticas Culturais e patrimônio histórico. In: CUNHA, Maria Clementina Pereira (org.). *O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura. Departamento de Patrimônio Cultural, 1992, p.29-36.

MOREIRA, Clarissa da Costa. *A cidade contemporânea entre a tábula rasa e a preservação*. São Paulo: UNESP, 2004.

ROESLER, Marli Renate; CESCONE TO, Eugênia Aparecida. *Políticas populacionais, migrações e desenvolvimento*. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/eugeniacesconeto.pdf>>. Acesso em: 05 jan. 2006.

SANTOS, Roberta Nascimento Saint Clair dos. Petrópolis: quadro legal da ocupação do solo da cidade Imperial. *Revista Minha Cidade*, ano 4, v. 10, maio 2004, p. 97.